

---

Colóquio: *O Pluralismo para a Unidade Sindical*, Lisboa 23/10/99

No dia 23 de Outubro de 1999, o Instituto Ruben Rolo e a Fundação Friedrich Ebert organizaram, na sede do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, um colóquio subordinado ao tema «O pluralismo para a unidade sindical». O encontro constituiu, desde logo, uma oportunidade para um reencontro com o passado do sindicalismo português e com algumas das principais figuras sindicais das décadas de sessenta e setenta.

Pretendendo confrontar gerações sindicais distintas, uma que lutou há três décadas pela liberdade e pela democracia, e outra que na actualidade vivencia outras experiências de pluralismo sindical, o colóquio dividiu-se em duas partes. Na parte da manhã iniciou-se, sob moderação de Diamantino Elias (Comissão Promotora do Instituto Ruben Rolo), o primeiro painel – intitulado «O pluralismo e a luta pela democracia e pela liberdade» –, nele tendo participado como oradores Marcelino Passos (ISCTE), Armando Santos (ex-sindicalista do Sindicato dos Seguros da UGT), Kalidás Barreto (ex-dirigente da CGTP, sector têxtil) e Victor Wengorovius (ex-assessor jurídico dos sindicatos). Este mesmo painel prolongar-se-ia, como estava previsto, da parte da tarde, contando desta feita com a participação activa de Carlos Alves (ex-dirigente do sindicato dos metalúrgicos da CGTP), Daniel Cabrita (ex-dirigente do Sindicato dos Ban-

cários de Lisboa) e José Luís Judas (ex-dirigente da CGTP). Em todas as intervenções foi inevitável um regresso ao passado de luta sindical pela liberdade e pela democracia e de envolvimento pessoal e sectorial desde o final do Estado Novo. De entre os aspectos focados pelos diversos oradores a propósito do pluralismo sindical vale a pena destacar os seguintes: a inevitável convergência entre o pluralismo, a liberdade e democracia; o pluralismo como condição para a unidade; o debate unidade / unicidade sindical; o debate unidade orgânica / unidade na acção; a relação partidos / sindicatos.

Um segundo painel, moderado por Carlos Trindade (CGTP), foi iniciado logo a seguir e intitulou-se «Pluralismo e unidade sindical hoje». Reinhard Naumann (Fundação Friedrich Ebert) procedeu a uma introdução ao mesmo, reforçando o argumento de que não pode haver unidade sem pluralismo, pois a realidade económica, social, cultural, dos operários é igualmente plural. Outros oradores deste painel foram António Marques (Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local), Maria Emília Reis (Sindicato do Vestuário do Porto) e Eduardo Chagas (Sindicato dos Capitães e Oficiais Náuticos). Todos eles recuperaram experiências passadas e actuais de convivência e confronto sindical, alertando igualmente para outros problemas com que, num contexto de pluralismo sindical, os sindicatos se confrontam: a exclusão social e o desemprego; a reorganização dos tempos

de trabalho; as políticas sindicais orientadas para os jovens e para uma igualdade entre sexos; a dessindicalização; o sindicalismo de participação *versus* sindicalismo de delegação; etc.

Num encontro que serviu também para recordar a importância histórica de sindicalistas como Agostinho Roseta, Ruben Rolo, Manuel Lopes, entre muitos outros, a noção de «pluralismo» acabou, como se esperaria, por não ser objecto de muitas considerações teóricas, estando antes a sua discussão associada às vivências passadas e presentes dos antigos e actuais protagonistas sindicais. Pareceu sair reforçada deste colóquio a ideia de que unidade se constitui sempre com base no pluralismo de ideias e de práticas, embora a essa constatação

não seja também alheia a forte presença, entre os participantes neste evento, daqueles que nas estruturas sindicais de então e da actualidade fizeram (fazem) parte das denominadas «correntes minoritárias».

Esta primeira iniciativa conjunta organizada pelas duas instituições supracitadas revelou-se bastante participada por um público diversificado (para além de activistas sindicais, estiveram também presentes no Colóquio alguns académicos estudiosos das questões sindicais) e com múltiplas ligações à história passada e presente do movimento sindical português. Está certamente aberto o caminho para outras iniciativas do género. ■

Hermes Augusto Costa